

DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E ASSESSORAMENTO NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA EM RORAIMA

Cleane da Silva Nascimento¹ – UTAD; Meire Joisy Almeida Pereira² – UFRR; Paulo Sérgio Maroti - UFRR³.

Cleane.cleia@gmail.com; meire.joisy@ufr.br; paulo.marori@ufr.br
Agência financiadora - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – (CNPq)

Grupo de Trabalho: Formação em economia solidária e extensão universitária

RESUMO – O presente trabalho reflete sobre *educação, formação e assessoramento* nos empreendimentos incubados pela ITCPES/UFRR. Surge motivado pela busca do bem viver, onde os sujeitos assumem o papel de protagonistas e internalizam aspirações por um mundo em construção nos princípios da Economia Solidária. Faz parte de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável, diverso e solidário, a partir da organização popular e luta emancipadora dos trabalhadores associados. É uma proposta transversal e articulada com diversos temas, sujeitos e iniciativas para o enfrentamento e superação da pobreza. Os processos educativos são construções sociais organizadas por meio da ação-reflexão-ação, que emerge das práticas e dinâmicas da Economia Solidária e busca a autonomia dos empreendimentos incubados. Os resultados permitiram constatar a autonomia adquirida pelos empreendimentos durante o processo de incubação na perspectiva de darem novos rumos a sua história por meio do trabalho coletivo e associado.

Palavras-chave: Autonomia; Desafios; Políticas públicas de geração de renda.

1 INTRODUÇÃO

A Economia Solidária (Ecosol) surge como um contraponto ao capitalismo, sendo uma forma alternativa de vida, baseada no trabalho coletivo e solidário. Se desenvolve dentro do capitalismo, embora sua forma de trabalho seja diferenciada, baseada nos valores humanos, garantindo auto-gestão, autonomia e práticas sustentáveis.

Ao perceber este novo cenário, que chega ao Brasil na crise dos anos 70, embora se torne política pública somente em 2003, quando o então presidente Luís Inácio Lula da Silva cria a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes).

Protagonizada por uma luta junto ao Paul Singer (1932 - 2018), estudioso da

¹ Mestranda em Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;

² Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas;

³ Doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos.

Ecosol, professor de economia da Universidade de São Paulo (USP) e secretário da Senaes durante 13 (treze) anos (2013 - 2016), as incubadoras de Ecosol surgem com o objetivo de transferir tecnologia social, se mostram “um espaço muito propício à criação de novas práticas, ferramentas, instrumentos de gestão, produção de comercialização” (PRONINC, 2017, p. 32).

Buscam contribuir com a melhoria das condições de vida de famílias oriundas da população vulnerável e contribuem desse modo, com o rompimento do ciclo de reprodução da pobreza por meio da economia solidária.

Suas ações se concretizam por meio de atividades relacionadas a *educação, formação e assessoramento*. Atividades mediadas por princípios cooperativos e solidário, na busca de constituir mecanismos de melhoria de vida e inclusão social.

2 ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO POLÍTICA PÚBLICA

Com o intuito de enfraquecer o sistema capitalista promovendo as pessoas com um baixo poder econômico o bem viver, a Ecosol se destaca como uma estratégia de política pública e de desenvolvimento solidário. Consolidada a partir da criação da Senaes, foi criada no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego (MTb) com a publicação da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003 e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003, a partir de uma demanda dos movimentos sociais.

A Senaes, que em 2016 passa para Observatório Nacional de Economia Solidária e Cooperativismo, subordinado ao Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) do (MTb), busca implementar as políticas públicas em parceria com as instituições que atendem e fomentam a economia solidária. É neste aspecto que se concretizam as ações das incubadoras.

No entanto, embora as incubadoras sejam fundamentais no processo de fortalecimento da Ecosol, a participação dos movimentos sociais, seja por meio das sociedades civis ou dos Fóruns de Economia Solidária, são fundamentais para a continuação e propagação desta filosofia de vida.

O reconhecimento de novos sujeitos sociais, a partir de uma forma de viver diferenciada, abrindo espaço para uma realidade diferenciada permite alternativas para os que são marginalizadas (SANTOS, 2001).

Diante da desigualdade social que o país enfrenta continuamente, a Ecosol se mostra como uma alternativa de vida, já representando 1% do PIB nacional e 3% dos empreendimentos no país (SENAES, 2015). Todavia, apesar do protagonismo adquirido por meio de itensas lutas, “os empreendimentos continuam enfrentando enormes barreiras econômicas e políticas que limitam a plena expansão de suas potencialidades” (SILVA, 2017, p. 11).

Percebe-se que o fortalecimento dos sujeitos se dá a partir de articulações coletivas, onde se apresentam como uma forma emancipatória, buscando analisar as potencialidades dos sujeitos envolvidos. Para Singer (1998, p. 9):

A economia solidária é um projeto de organização sócio-econômica com princípios opostos ao do laissez-faire: em lugar da concorrência, a cooperação; em lugar da seleção darwiniana pelos mecanismos do mercado, a limitação – não a eliminação! – destes mecanismos pela construção de relações econômicas solidárias entre produtores e consumidores.

As atuações em torno da autogestão, em particular na Ecosol, carecem de políticas públicas incentivadoras e “isso não é assistencialismo como dizem os defensores da economia privada” e sim uma “outra economia” que aborda a participação de um conjunto de pessoas em prol da melhoria de vida de um grupo (GADOTTI, 2009).

A economia solidária tornou-se um movimento mundial, onde o Brasil apresenta destaque. Neste modelo estão 3% dos empreendimentos em todo país e representam 1% do Produto Interno Bruto (PIB) do país (SENAES, 2015).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia para realização deste trabalho consiste numa pesquisa de caráter descritivo e qualitativo. A escolha se deu por entender que este método “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45).

Foi desenvolvida com 08 (oito) EES incubados pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários da Universidade Federal de Roraima (ITCPES/UFRR), na cidade de Boa Vista – RR.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação participante, registradas em diário de campo.

4 ITCPES/UFRR E SUA PARTICIPAÇÃO PARA COM OS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS EM RORAIMA

A ITCPES/UFRR faz parte de um conjunto de ações nacionais voltadas à geração de trabalho e renda para população de baixo poder aquisitivo no âmbito da Ecosol.

É um programa de extensão vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da UFRR, que objetiva: a *incubagem, formação, assessoramento* aos EES. Sua missão é construir tecnologia social com os empreendimentos econômicos e solidários (EES), visando à transformação da sociedade justa e igualitária.

Vem promovendo assiduamente o incentivo de políticas públicas para os EES de Roraima, por meio do tripé *educação, formação e assessoramento*. Atualmente, incuba seis empreendimentos: Associação dos Agricultores Familiares do Polo I do Projeto de Assentamento Nova Amazônia (AAFPPANA), Associação Agropecuária de Projeto de Assentamento Nova Amazônia (AASPANA), Associação dos Hortifrutigranjeiros Orgânicos de Boa Vista (Hortivida), Associação dos Agricultores Familiares do Polo IV do Projeto de Assentamento Nova Amazônia (AAFP-IV) e a Cooperativa Agropecuária Nova Amazônia (Coopana). Assessora dois empreendimentos: Associação Folclórica Feras do Amazonas, e Cooperativa de Empreendimentos Solidários do Município de Boa Vista (COOFEC'S) e pré-incuba a Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Regime Familiar do Projeto de Assentamento Nova Amazônia (ASSTTRF-PANA)

Cinco destes EES estão situados na zona rural e dois na zona urbana. São formados por pessoas de diversos graus de escolaridade e advindos das mais diversas regiões do país. São pessoas que buscam melhorar a qualidade de vida de suas famílias e se propuseram a unir forças e construir novas formas para a geração de trabalho e renda, por meio do trabalho associado.

A partir do tripé oferecido pela ITC PES/UFRR, os EES são preparados para acessarem políticas públicas. Assim sendo, todos os grupos incubados estão aptos a acessarem programas públicos e privados.

A Ecosol surge nestes EES não simplesmente como alternativa ao desemprego, mas como produção coletiva baseada em valores humanos. São empreendimentos organizados de forma coletiva, num espaço onde todos se conhecem e dividem suas mãos-de-obra, garantindo autonomia e práticas sustentáveis.

Cada EES possui particularidades e o que predomina comum entre todos é a emancipação adquirida durante o processo, bem como a solidariedade. Assim, abordaremos quem são estes sujeitos e seu processo emancipatório durante suas trajetórias. A figura 01 apresenta os grupos reunidos para um café da manhã solidário, onde trouxeram seus anseios, bem como compartilharam suas conquistas e planejaram as ações para o ano de 2018..



Figura 2: Café da manhã solidário
Fonte: Acervo da pesquisa (2018)



Figura 1: Café da manhã solidário
Fonte: Acervo da pesquisa (2018)

4.1 COOPERATIVA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA – RR - COOFEC´S

No ano de 1995 com o objetivo de produzir geração de renda para o sustento de suas famílias nasce os Centros de Produção Comunitária (CPC) – Santa Tereza, Mulheres do Cauamé, Mulheres Aliança, Associação Feras do Amazonas e CPC – Jôquei Clube. A criação destes grupos ocorreu a partir da inserção de políticas públicas governamentais que visava promover autonomia para as mulheres de baixa renda.

Com a união dessas mulheres e a partir do momento que perceberam a necessidade de expandir o trabalho por meio da auto gestão e solidariedade, tiveram a iniciativa de criar a COOFEC´S.

A COOFEC´S nasce no dia 08 de abril de 2008, tendo como principal objetivo integrar, fortalecer e capacitar os núcleos de Ecosol para a emancipação social. Possui atualmente 2 (dois) núcleos cooperados: Mãos Amigas e Nova Aliança. Possui, atualmente, 22 (vinte e duas) associadas. Sendo que, treze participam ativamente da produção. As cooperadas são mulheres migrantes de diversos Estados do Brasil, com faixa etária acima dos 20 anos que encontram dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal.

“Contava inicialmente com a participação de dez mulheres que receberam um treinamento de corte e costura fornecido pelo Governo de Estado em parceria com o SENAI” (GRADE e PEREIRA, 2010, p. 27).

Inicialmente este Grupo começou a trabalhar na Associação de Moradores em um bairro próximo que disponibilizava o espaço físico, depois passaram seis meses em um espaço alugado, até o período em que o governo do Estado de Roraima reformou o espaço cultural do bairro Santa Tereza, que os vem abrigando até o momento. (GRADE e PEREIRA., 2010, p. 28).

As principais atividades realizadas são fardamento, roupas profissionais, roupas íntimas, acabamento em fios, tecidos, artefatos têxteis e fabricação de artefatos de tapeçaria e artesanato. Atualmente possui 20 mulheres cooperadas, oriundas de vários Estados do Brasil e com diferentes níveis de escolaridades.

A COOFEC´S foi criada com base nos princípios da economia solidária: autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário.

Possui atualmente máquinas de costura e matérias para fabricação de seus produtos: roupas de fantasia, uniforme escolares, uniformes para times de futebol é uma vitória para as cooperadas.

No ano de 2009 foi contemplada com o lançamento do livro “Mulheres Migrantes e Indígenas de Roraima, fruto do convenio com o Banco da Amazônia e Fundo de Financiamento da Amazônia (BASA) que conta a história de suas associadas ainda quando eram grupos distintos.

No dia 07 de Outubro de 2013 foi destaque nacional na Folha de São Paulo sobre projeto BRASIL27⁴. Um projeto idealizado pelos jovens Fabio Serconek e Pedro Henrique G. Vitoriano e realizado em parceria com Centro de Empreendedorismo e Administração em Terceiro Setor da Universidade de São Paulo (CEATS), que objetivou “mapear e estudar modelos de negócios sociais bem sucedidos em todos os estados brasileiros” (ITCPES/UFRR, 2013).

Neste mesmo ano foram destaque em matéria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) no que concerne à iniciativas sustentáveis. A matéria⁵ destaca que a principal clientela da COOFEC’S é a produção de uniformes, porém contam também com o reaproveitamento de materiais.

Em 2015 foram vencedoras do Prêmio Sandra Magalhães de Boas Práticas em Economia Solidária. Em 2017 e 2018 protagonizaram o Projeto Costurando Sonhos, que se trata-se da formação em costura para brasileiros e venezuelanos; o EES foi agraciado com equipamentos - máquinas de costura e ventiladores - de um projeto financiado pelo Governo da Austrália; houve ainda a ampliação do EES com a inclusão de duas novas cooperadas.

Assim, a COOFEC’S se mostra um empreendimento sólido e estruturado e com suas atividades baseadas no cooperativismo e na economia solidária. Para além disso é um grupo autogestionário e democrático, além de mostrar que são áduas lutadoras no combate à pobreza e a desigualdade social.

4.2 AGREMIÇÃO FOLCLÓRICA DE DANÇAS FERA DO AMAZONAS

A Agremiação Folclórica de Danças Feras do Amazonas (FERAS) foi fundada em 12 de maio de 1997. É composta por 23 (vinte e três) participantes e está situada na zona periférica de Boa Vista – RR.

Sua criação surgiu a partir da experiência vivida por uma das fundadoras, que trazida do município de Parintins no Estado do Amazonas, trouxe a experiência da dança e da confecção do artesanato em busca de uma fonte de trabalho e renda.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=vkXs0qOhKZc>.

⁵ <http://sustentabilidade.sebrae.com.br/sites/Sustentabilidade/Para%20%80%93sua%20%80%93Empres a/Casos%20%80%93de%20%80%93sucesso/Coofec%27s>

Ao chegar em Boa Vista, a atual sócio fundadora se envolveu com a comunidade e construíram coletivamente o empreendimento que tem como principal atividade o artesanato, as manifestações folclóricas, reciclagem e a dança.

Os participantes são em sua maioria jovens, com faixa etária de 14 a 30 anos de idade, moradores do bairro Santa Tereza e adjacentes, com nível de escolaridade do Ensino Fundamental ao superior. Os integrantes realizam a produção de fantasias para escolas de samba do município, figurino para festas juninas, brincos, colares, cocais e se apresentam em festejos e comemorações do calendário de evento do estado e do município.

Nas atividades mais relevantes do grupo, se enquadra o trabalho exercido com os jovens da comunidade, que dizem encontrar na dança e na produção do artesanato uma fonte de oportunidade de inclusão social.

O EES está cadastrada no Cadastro Nacional dos Empreendimentos Econômicos Solidários (CADSOL)⁶ e tem como desafios a aquisição de um espaço amplo, mais maquinários e qualificação de mão de obra.

O EES busca se fortalecer como EES, acreditando que é por meio da dança e da cultura que consegue firmar laços de identidade comunitária. Desenvolve ainda, ações na comunidade local, com perspectivas contínuas de fortalecimento por meio de atividades que envolvam os jovens em projetos culturais realizados em horário oposto de aula.

A comercialização de roupas e artesanatos é feita na própria sede da associação e no mercado local, ficando disponíveis para compra todos os dias. Constantemente vem sendo reconhecida no município, por meio de prêmios de reconhecimento municipal.

4.3 ASSOCIAÇÃO DOS HORTIFRUTIGRANJEIROS ORGÂNICOS DE BOA VISTA - HORTIVIDA

⁶ O CADSOL tem por finalidade o reconhecimento público desses empreendimentos de modo a permitir-lhes o acesso às políticas públicas nacionais de Economia Solidária e demais políticas, programas públicos de financiamento, compras governamentais, comercialização de produtos e serviços e demais ações e políticas públicas a elas dirigidas.

Criada em 29 de julho de 2005, a Hortivida é uma entidade sem fins lucrativos, localizada em Boa Vista que objetiva lutar pela expansão da atividade orgânica em âmbito local, nacional e internacional.

Composta por 10 (dez) associados, desenvolvem atividades periurbanas⁷ e cultivam espécies de origem vegetal, como as hortaliças e legumes, frutas das mais variadas espécies e a criação de alguns animais como frangos, porcos e bovinos.

Realizam a comercialização da produção por meio de feiras locais e direto ao consumidor. O sistema de produção dos seus associados nem sempre ocorreu sobre os preceitos do sistema orgânico, mas sim de um processo de conscientização a partir do uso do sistema convencional.

Atraídos para a mudança por questões adversas, bem como apontam os produtores, como problemas com a saúde por uso de agrotóxicos na produção e o desequilíbrio ambiental em que se encontravam suas propriedades por uso de tais insumos químicos, optaram pela prática dos orgênicos. Assim se constitui a Hortivida, que atualmente é destaque pela confiança dos seus consumidores. O marketing ocorre de maneira voluntária pela própria clientela e por uma página na rede social do Facebook .

Possui autorização para a venda direta com certificação dos seus produtos orgânicos diretamente ao consumidor, como membros de uma organização de controle social (OCS). Foi a primeira associação em Roraima a se cadastrar junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

4.4 ASSOCIAÇÃO AGRICULTORES FAMILIARES PROJETO DE ASSENTAMENTO NOVA AMAZONIA POLO I – AAFPANA

Localizada no Polo-01, área comunitária do Projeto de Assentamento Nova Amazônia (PANA) e fundada no dia 05 de janeiro de 2005, em Assembleia Geral, por meio de ata de constituição na qual foi eleito e dado posse a primeira presidente mulher por um período de dois anos, surgiu a AAFPANA.

É uma associação sem fins lucrativos que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento sustentável da região. Conta com 115 (cento e quinze) associados e

⁷ O conceito de agricultura urbana ou periurbana trata da atividade agrícola e/ou pecuária praticada nos espaços interurbanos ou periurbanos, estando vinculadas às dinâmicas urbanas ou das regiões metropolitanas (SANTANDREU; LOVO, 2007).

realiza a produção agropecuária, apoio ao agro extrativismo, à piscicultura, programas sociais, culturais e habitacionais. Busca capacitar assiduamente seus associados e realizar a venda dos produtos, corroborando com o fortalecimento da agricultura familiar, seja com recursos próprios ou obtidos de doação, parcerias, convênios e/ou usando de todos os meios legais ao seu alcance.

A AAFPANA conta com a produção de hortícolas (cheiro verde, coentro, cebolinha, quiabo, maxixe, rúcula, alface, couve, pimenta de cheiro, berinjela, limão) e grãos como feijão verde, milho verde, e banana prata, batata doce;

Assiduamente realiza a educação comunitária aos seus associados, por meio de cursos oferecidos pela UFRR e outros parceiros e promove o desenvolvimento rural sustentável, solidário e integral dos agricultores familiares.

A venda dos produtos dos seus associados são realizados em feiras locais, por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e ao consumidor direto. A AAFPANA apresenta um perfil que aponta carências nas estratégias de comercialização pela carência nos transportes dos produtos agrícolas, uma vez que a associação não possui transporte próprio, o que dificulta transportar estes produtos até as feiras da região.

Por outro lado, apresentam protagonismo no que diz respeito a sanar estes desafios por meio da coletividade. Também são protagonistas nas relações sociais com as autoridades locais por seu trabalho organizativo.

4.5 ASSOCIAÇÃO AGROPECUÁRIA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO NOVA AMAZÔNIA POLO II - AASPANA

Fundada em 02 de agosto de 2004, em Assembleia Geral, por meio de ata de constituição, a AASPANA é uma associação de pessoas de direito privado, sem fins lucrativos, que congrega agricultores familiares do Polo II residentes no Projeto de Assentamento Nova Amazônia (PANA).

Objetiva a inclusão social, geração de trabalho e renda, afim de que os associados se sintam inseridos no processo de construção e desenvolvimento da comunidade. Visa também à captação de recursos e financiamentos viáveis que possam garantir um aumento na renda de seus agricultores, buscando que a partir disso a família consiga incentivar os filhos a permanecerem no campo com a possibilidade de trabalho digno e qualidade de vida.

Conta com 31 (trinta e uma) famílias associadas, com idade entre 25 e 60 anos e tem como principal atividade a criação de aves e a plantação de hortaliças, derivados para a alimentação.

4.6 ASSOCIAÇÃO AGROPECUÁRIA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO NOVA AMAZÔNIA POLO IV - AAFP/IV

Criada no ano de 2005 em Assembleia Geral, por meio de ata de constituição, a AAFP/IV é uma associação de pessoas de direito privado, sem fins lucrativos, que congrega agricultores familiares do Polo IV residentes no PANA.

Possui atualmente 69 (sessenta e nove) associados e visa a captação de recursos e financiamentos viáveis para manutenção das suas famílias. Aprovou em 2017 seu primeiro projeto no PAA.

3.7 COOPERATIVA DOS PRODUTORES DO PROJETO DE ASSENTAMENTO NOVA AMAZÔNIA (Coopana)

A Coopana é composta por 112 (cento e doze) agricultores familiares do PANA. Nasceu a partir da execução de projeto de extensão da UFRR denominado Educação Sinérgica, Social e Sustentável – Edu3s – em parceria com a I|TCPES/UFRR. O projeto viveu de 2011 a outubro de 2015.

O Projeto Educação Sustentável Sinérgica e Social (EDU₃S) executou a capacitação técnica e gerencial, a assistência técnica e o fomento à produção-comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar que se constituíram em vetores vitais para o nascimento dessa organização social e produtiva no interior do Projeto de Assentamento Nova Amazônia - PANA.

Pode-se afirmar que esse conjunto de atividades foram responsáveis por desencadear um círculo virtuoso no Assentamento, capaz de gerar expectativas em dias melhores. A produção-comercialização ali instaladas contam com um rol de hortícolas, leguminosas, mel, pimenta, grãos e frutíferas, com destaque para o feijão caupi, aves, ovos, suínos, bovinos e pescado.

Particularmente, no que diz respeito a comercialização desses produtos, ela ocorre no interior do PANA, na BR174, na feira próximo ao Supermercado Goiânia do Caranã com 22 barracas – 22 famílias - e nos mercados institucionais dos governos

federais, estadual e municipal - Programa Aquisição de Alimentos – PAA e Programa Nacional de Alimentos na Escola – PANE. A organização produtiva e da comercialização foi protagonizada pela UFRR, na medida em que o Projeto EDU3S dotou as 160 famílias participantes das condições substantivas.

E nesse contexto, a Coopana encontra-se num momento importante de autonomia e emancipação, planejada no âmbito do EDU3S.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os EES incubados e assessorados pela ITCPES/UFRR passam por assíduas transformações. A autonomia e protagonismo que vem desenvolvendo no decorrer do processo carecem destaque.

As ações decorrentes do processo de assessoramento são baseadas nos princípios da economia solidária: autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário. São realizados assiduamente cursos, rodas de conversas, informações, orientações, palestras, dentre outras atividades.

A COOFEC'S foi o primeiro empreendimento incubado pela ITCPES/UFRR e atualmente é protagonista no Estado no campo da Ecosol. Realiza ações sociais independentes. A presidente da Agremiação Feras do Amazonas por sua vez é atual presidente do Conselho Estadual de Cultura.

A AAFPANA pleiteia a condição de entidade de utilidade pública estadual; continua no PAA; houve a aquisição de tratores para associação; articulação e parceria com o governo municipal, estadual e federal para aquisição de ações como: energia elétrica, beneficiamento das estradas e aumento da geração de renda.

A Hortivida além de possuir destaque no município no que concerne à produção de orgânicos, coordena a Comissão Estadual da Produção Orgânica CEPOrg em Roraima.

A AAFP-IV voltou a acessar o PAA, bem como constituíram por meio de oficina o seu logotipo.

A Coopana realiza atualmente entrega de produtos para o exército, tendo acessado por meio do edital de chamada pública 01/2017; Continua participando do PAA, PNAE e Projeto de semente crioulas.

E a ASSTRF-PANA, pré-incubada, está no processo de reorganização da

associação. Acessa atualmente o projeto semente crioula, PAA, e venda dos produtos em feiras locais. Também por meio de oficina, constitui recentemente a criação do seu logotipo.

Assim, é cabível ressaltar que a transformação social ocorrem paralelamente com os princípios da Ecosol e que a partir da metodologia utilizada, a partir do tripé da universidade *ensino, pesquisa e extensão* se manifesta facilitando a difusão do conhecimento universitário junto aos EES, articulando conhecimento científico e popular e possibilitando a construção de capital social.

Assim, a partir da inter e transdisciplinaridade, buscou se promover a autonomia desses grupos e também a geração de métodos e procedimentos que possam ser empregados em outros grupos sócias. A partir dessas ações os EES aumentarem suas capacidades administrativas e otimizar o processo produtivo e auxiliar no processo de transição para práticas sustentáveis, a partir do acesso a tecnologias sociais afirmando sua autonomia, e ainda elevando sua autoestima para efetivar práticas de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998. 165 p. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 14ª ed. 1985.

GADOTTI, M, . **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo. Editora Atlas, 2002. 176 p.

GRADE, M.; PEREIRA, M. A. J. **Mulheres Migrantes e Indígenas em Roraima: a construção de uma trajetória coletiva**. Boa Vista: UFRR/PROEX, 2010.

MENDONÇA, A. (2014a). **Mestre do Mundo: Paul Singer**. Várias entrevistas realizadas por Aline Mendonça dos Santos em abril de 2014. Projeto ALICE.

SINGER, Paul. **Reflexões sobre inflação, conflito distributivo e democracia**. In: Reis, F. W. e O' Donnell, G. (org.). *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*. São Paulo: Vértice, 1988.

SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as Ciências**. 12ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SILVA, R. M. A. Políticas públicas de economia solidária no Brasil: conquistas de direitos e desafios institucionais. **Revista Mundo do Trabalho Contemporâneo**, São Paulo, v.1.1, 2017, p.8-34.